

CORREIO DO POVO

# O CONTADOR DE HISTÓRIAS

(Especial para o "Correio do Povo")

REINALDO MOURA

Há mais de duzentos anos, quando conheci o Erico, ele já costumava dizer que era um contador de histórias. Foi precisamente em 1930. Mas acontece que nesta altura da idade nos apegamos com tanta força à juventude voltando de longe todos os dias como uma ressurreição, que longos trechos da vida representam para nós fragmentos de eternidade. Mais de duzentos anos talvez seja pouco. Tem-se às vezes a impressão que este nosso grupo de companheiros vem caminhando pela mesma estrada desde o principio do mundo.

Erico vem ao Rio Grande para estar junto às suas raízes na hora em que vai atravessar o meio-dia da vida, esse instante que nos homens já é o começo do entardecer. As circunstâncias que cercam agora sua figura de escritor possuem um relevo extraordinário. O momento, na sua vida, é de culminância. Todo esse imenso esforço do seu espirito — e não conhecemos outro com tão profunda e assustadora capacidade de trabalho — todo esse esforço agora parece que se acumula num instante, seus frutos ficam mais nítidos, o nível máximo de sua vocação literária foi atingido, escreveu o seu maior romance, no mundo dos seus leitores há multidões como não houve antes para outro romancista nacional, e diante de tudo isso, diante do homem que volta de longe e do contador de histórias na sua plenitude, esse rumor imenso de aplausos na mais justa das glorificações ao romancista que soube

contar belas histórias para o seu povo.

Seus leitores, que anualmente absorvem tiragens de milhares e milhares de volumes, já sentiram nos seus textos as qualidades humanas que animam o seu autor preferido. Mas somos nós, os seus amigos mais chegados, que conhecemos bem de perto a sua imensa bondade, coisa que vem da inteligencia; a sua honestidade, a sinceridade em todas as suas atitudes. Muitas vezes, na conversa, dizíamos: Erico é o sujeito mais decente que eu conheço. E' por isso que hoje todas essas homenagens não são apenas para o romancista, mas também para o homem.

Não queremos confessar que já estamos na idade das reminiscências, pois afinal isto aconteceu antes. Junto ao elevador da livraria conversávamos, e Erico me dizia numa tarde, em 1930: precisamos vencer, mas vencer pelo espirito. O que eu desejo é contar belas histórias escrevendo livros que agraçam a todos.

Seu destino começava, nítido, numa antecipada e definitiva construção. No milagre de um equilíbrio que não deitou em sua existencia, até hoje, nenhum momento vazio para o seu espirito de criador. Contando as suas histórias, é o fascinador infatigável das multidões, como desejou ser naquele tempo, quando recém começava, e já sabia o que iria realizar. Sua vitória aí está: ele criou para todos um novo mundo, tirando-o do seu grande sonho de romancista.